Nome: Carlos Romário da Silva de Matos Data: 02/12/2018
Disciplina: Interpretações da subjetividade moderna nas ciências sociais e na literatura
Professora: Luiz Larangeira da Silva Mello

**A TRIPLA TRAGÉDIA DA CULTURA**

A tripla tragédia da cultura não consiste em dois desdobramentos dependentes da primeira tragédia, a qual Simmel apresentou[[1]](#footnote-1), mas em dois desdobramentos independentes, de forma que, apesar de serem decorrências da primeira, ainda que esta sofresse um processo de reversão, as outras duas perdurariam. O próprio processo de objetivação trágica poderia ser mobilizado para afirmar uma quarta catástrofe – a tragédia das tragédias da cultura –, em que não só a cultura objetiva, mas a sua própria fatalidade, autonomizou-se. Pois esses são os tempos presentes, em que o indivíduo sente “estar rodeado de uma infinidade de elementos culturais que não são nem indiferentes, nem, no fundo, significativos para ele; elementos que como massa tem algo de sufocante, porque não os pode assimilar um por um, internamente, nem tampouco os recusar, pois pertencem potencialmente à esfera de seu desenvolvimento cultural[[2]](#footnote-2)”, e no seio dessa contradição, a sua própria subjetividade é progressivamente desmembrada. Simmel não errou ao escrever sobre o conceito e a calamidade pela qual a cultura passava. Ele só não pôde imaginar o que viria a seguir.

 A primeira tragédia da cultura, o gérmen das que se sucederiam, muito bem poderia se chamar a tragédia de Kurtz[[3]](#footnote-3), caso fosse de interesse ilustrar a sua essência, pois o homem moderno compartilha de mais características com o trágico humanista do que é capaz de reconhecer. Todo contemporâneo tem algo de Kurtz: a tragédia pela qual ele passa é a mesma que o centro anímico de cada homem vive até o último suspiro. A infinidade da cultura objetiva que tão pouco é indiferente e tão pouco é significativa, está para a alma humana assim como a floresta está para o comerciante de marfim. Cada folha, árvore, gota de água que, como objetos sozinhos não representam muito, mas que como massa sufocam Kurtz, materializam a própria cultura objetiva contemporânea. E, assim como Kurtz não tinha como assimilar todas as trevas nem tão pouco recusá-las, o indivíduo não o pode fazer com toda a objetivação que o circula. Se todos os homens pudessem ver a morte indo aos seus encontros, compartilhariam o mesmo fim do humanista:

Eu percebi sobre aquele rosto de marfim a expressão de orgulho melancólico, de poder brutal, de terror covarde, de um desespero intenso e sem esperança. Ele viveu a sua vida novamente em cada detalhe de desejo, de tentação e de rendição durante aquele supremo momento de completo conhecimento? Ele exclamou, sussurrando, para alguma imagem, para alguma visão... ele gritou por duas vezes um grito que nada mais era que um suspiro... ‘O horror! O horror!’[[4]](#footnote-4)

 Menos importa as últimas palavras do que o jogo de expressões que se dá antes delas. Todas as facetas de uma vida vivida pela tragédia da cultura: única expressão autenticamente subjetiva que o homem contemporâneo é capaz de exprimir, já no leito da morte. Uma interpretação bastante aceitável diria que o horror de Kurtz é acerca do que ele fez e do que viu. Diríamos, aqui, que o horror trata-se, de fato, do que ele viu, só que mais ainda do que foi feito a ele, pois em um mundo em que todos os sustentáculos culturais são radicalmente diferentes, um homem sente o chão ser arrancado de seus pés, enquanto um novo surge em seu lugar, com uma nova gravidade e mecânica de equilíbrio. Cabe, então, a este indivíduo reaprender a andar – recultivar-se. Coube a Kurtz, e ao indivíduo moderno, ficar de pé. Diferente de Kurtz, porém, o humano contemporâneo não tem como reconquistar seu equilíbrio, dando início à segunda tragédia da cultura.

 Em um ato heroico, Kurtz se levanta e convive com a floresta; respira apesar do sufocamento - e, nisso, toda o Ocidente se identifica em sua tragédia. Kurtz, mesmo na impossibilidade de se cultivar, não abre mão de tentar. Os preços que paga são caríssimos, e como Marlow bem diz, “ele tinha dado um último passo, ele tinha caminhado por sobre a beirada”[[5]](#footnote-5). O último passo do comerciante canoniza e embarca a primeira tragédia da cultura. O seguinte funda a segunda, em que a cultura objetiva passa a adotar um movimento de planificação social. Em outras palavras, a cultura de massas é o que vêm depois do horror de Kurtz, em que

 A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada setor se harmoniza em si e todos entre si. As manifestações estéticas, mesmo a dos antagonistas políticos, celebram da mesma forma o elogio do ritmo do aço. *As sedes decorativas das administrações e das amostras industriais são pouco diferentes nos países autoritários e nos outros*. [...] os projetos urbanísticos que deveriam perpetuar [...] o indivíduo como ser independente, o submetem ainda mais radicalmente à sua antítese, o poder total do capital[[6]](#footnote-6).

 Enquanto a primeira tragédia da cultura implicava na incapacidade do homem cultivar suas potencialidades em um movimento em que ia à cultura objetiva, absorvendo-a, e voltando ao seu centro anímico, a segunda faz com que a cultura de massas elimine o próprio conceito de cultivo, pois o que se apresenta objetivamente ao homem é homogêneo, semelhante e, igual à primeira tragédia, gigantesco, de forma que nunca seja totalmente apreensível, mas que, agora, sempre seja identificável: “Não só os tipos de música, de dança, de astros e *soap operas*, retornam ciclicamente como entidades invariáveis, quanto o conteúdo particular do espetáculo[[7]](#footnote-7)”. O tapete é substituído por uma esteira de produção, esquemática e com rolagem *ad infinitum*, em que o indivíduo simplesmente não tem mais como levantar, pois, o ponto de equilíbrio é totalmente instável. O homem da cultura de massas está sempre caído, indo e vindo de acordo com os desígnios da esteira. O processo de sufocamento é substituído pela pressão pura e nítida cujo o único descanso é desistir, e não tentar mais levantar. É a materialização do movimento, ao passo que o homem vai e volta para onde os deveres sociais o chamam, e cujo único conforto é consumir a cultura objetiva que não exige mais, dele, qualquer atividade mental. Pelo contrário: a atenção, mesmo que distraída, voltada ao produto é vital, de forma que se exige a não atividade mental. “Infalivelmente, cada manifestação particular da indústria cultural reproduz os homens como aquilo que já foi produzido por toda a indústria cultural[[8]](#footnote-8)”, de forma que a dialética, que antes tentava buscar na cultura objetiva os elementos de seu cultivo, transforma-se em um esquema, em que o indivíduo se reconhece no próprio produto consumido. É, nada menos, que o próprio enterro do cultivo.

 Fica muito claro, aqui, porque a segunda tragédia é autônoma em relação à primeira, embora seja um desdobramento dessa: a cultura de massas só poderia existir com o surgimento da primeira tragédia cultural – o que não significa que era o único caminho possível –, mas o seu caráter de indústria não permitiria a sua morte ainda que se tentasse ser recuperado os valores do cultivo subjetivo - especialmente nos tempos contemporâneos, em que aquilo que antes era canonizado nas artes é cada vez mais incorporado ao esquema desse corpo industrial[[9]](#footnote-9). Na realidade, conforme a cultura de massas evoluiu, o próprio julgamento de valor assimilou seus valores: para o público geral, o bom cinema é aquele de sensações rápidas e imersão profunda; o bom livro é aquele que se apreende em só uma leitura, normalmente curta, e pouco reflexiva; a boa música é aquela que muito se parece com outras músicas do mesmo gênero, normalmente com a mesma construção e escravizada pelo ritmo – repetitivo, que joga com os sentidos. O trabalho autoral, cada vez mais, perde o significado antigo – criador de uma obra, com uma psicologia autoral – e, no lugar, ressignifica-se como um objeto de culto, em que nas mínimas variações entre esse ou aquele cantor, entre esse ou aquele diretor, tornam-se elementos diferenciadores.

 Trágico seria se Demian, Sinclair e Pistórius[[10]](#footnote-10) tivessem vivido mais de um século, para ver que, no fim, erraram. A humanidade não veria no indivíduo o futuro, e os ares de mudança não buscavam reconhecer o centro anímico de cada um e o cultivo deste, mas, progressivamente, buscariam encontrar a felicidade dentro dos grupos sociais. Aquilo que Simmel, em outro artigo[[11]](#footnote-11), dizia ser um dos ganhos da cidade grande – a possibilidade da individualidade não limitada pela coerção social, própria das cidades pequenas – foi suprimido pela cultura de massas, que restabeleceu a coerção de forma esquemática. Hoje, reconhece-se quase exclusivamente enquanto parte de um grupo, forma essa que é estimulada por quase todos os setores sociais, sejam a favor ou contra o *status quo*. A identidade é mais pelo o que se aprecia no mundo, do que o que foi absorvido deste. Enfm, eles erraram ao pensar que

A única realidade é aquela que se contém dentro de nós, e se os homens vivem tão irrealmente é porque aceitam como realidade as imagens exteriores e sufocam em si a voz do mundo inteiro. Também se pode ser feliz assim: mas quando se chega a conhecer outro, torna-se impossível seguir o caminho da maioria. O caminho da maioria é fácil, o nosso é penoso.

Os homens escolheram viver irrealmente mesmo que, antes da consolidação da cultura industrial, o caminho da maioria ainda não fosse a única opção. Deve-se dizer, também, que o caminho da maioria pode parecer fácil em um primeiro momento, mas no fim, é o mais penoso de todos. A segunda tragédia da cultura, que muito bem poderia ser chamada de *A morte da marca de Caim*,ao tornar universal o caminho da maioria, ao suprimir o cultivo e pressionar o indivíduo contra a objetividade material, deu início à terceira, e mais desesperadora, tragédia da cultura: a morte do indivíduo.

 A terceira tragédia, tão autônoma quanto as duas anteriores, é a mais cruel de todas, porque, diferente das duas primeiras, é irremediável. No primeiro caso, uma solução teórica seria restabelecer a dialética, ainda que parcialmente; no segundo, não é, ao menos teoricamente, impossível reverter ou mudar a lógica de produção da indústria cultural. A terceira, porém, não trabalha com a ideia de mudança, ou reversão: uma vez tendo ocorrido, é eterna. Por outro lado, diferente das outras duas, ela é a que mais apresenta o maior grau de variação em seu alcance: se, certamente, todo a humanidade vive-a em maior ou menor intensidade, não é fácil identificar um indivíduo que a tenha vivido por completo. Enfim, a terceira tragédia da cultura é aquela condição em que há “o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas [..], mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos[[12]](#footnote-12)”. É o próprio caráter *blasé*.

 Como dito, todos os indivíduos, na conjectura contemporânea, vivem esta tragédia em algum grau, mas há grande dificuldade de encontrar aquele que a tenha experimentado em sua totalidade. Na literatura, Bartleby[[13]](#footnote-13) certamente a experimentou: alheio aos impulsos nervosos, existe no mais absoluto nada. Seu espaço físico nada mais é que o mundo pouco ou nada dotado de significado. Sequer suas necessidades físicas constituem uma espécie de alarme, e o seu jargão – “*I would prefer not to*” – infinitamente mais do que a expressão de uma vontade, é a denúncia da ausência de qualquer uma. Por que ele trabalha? Porque as condições sociais o levam a isso. Por que para de escrever? Pois sequer isto faz algum sentido. É *blasé* em sua excelência: não há mais reação à nada. Não há algo que faça diferença. É a experiência suprema dessa condição. Mais do que a indiferença, é a própria morte da subjetividade. É o movimento sucinto de se jogar para o lado da esteira, visando cair, dela, rumo ao infinito. É, nada menos, que o fim do indivíduo.

 Esta é a razão da terceira tragédia ser a mais desesperadora de todas, e ser irreversível. Tão difícil quanto é imaginar que a segunda possa se solucionar. A primeira, por outro lado, dá suspiros de resistência, ao passo que busca formas de cultivo, embora limitadas, através dos múltiplos cânones culturais. De toda forma, nunca se deve esquecer que a atual condição é, sem dúvidas, o resultado de um caminho escolhido pela humanidade, que continua o seguindo, ou por não lembrarem como outrora foi, ou porque a overdose do entorpecimento seja a materialização do prazer contemporâneo. Talvez, um pouco dos dois. De fato, Simmel não teria como imaginar até que ponto os homens chegariam.

“Ah, Bartleby! Ah, humanidade!”[[14]](#footnote-14). Ah, cultura...

**Referências**

SANTOS, Antonio Carlos (Tradutor). *O conceito e a tragédia da cultura, de Georg Simmel*. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 9, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2014.

HESSE, Herman. *Demian: História da Juventude de Emil Sinclair*. Tradução: Ivo Barroso. 22ª d. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

SIMMEL, Georg. *Grandes Cidades e a vida do Espírito*. Tradução: Leopoldo Waizbot. Disponível em: < https://drive.google.com/open?id=10mbw9DAryoTbnODMW7CCd7ikphhuk--Q>. Acesso em: 02/12/2018.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escriturário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

 HORKHEIMER, Adorno; BENJAMIN, Walter; et al. *Teoria da Cultura de Massa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CONRAD, Joseph. *O Coração das Trevas*. São Paulo: Editora Landmark, 2011.

1. SANTOS, Antonio Carlos (Tradutor). *O conceito e a tragédia da cultura, de Georg Simmel*. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 9, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2014. [↑](#footnote-ref-1)
2. Ibid. p. 161. [↑](#footnote-ref-2)
3. CONRAD, Joseph. *O Coração das Trevas*. São Paulo: Editora Landmark, 2011. [↑](#footnote-ref-3)
4. CONRAD, op. cit. p. 75. [↑](#footnote-ref-4)
5. Ibid. p. 77. [↑](#footnote-ref-5)
6. HORKHEIMER, Adorno; BENJAMIN, Walter; et al. *Teoria da Cultura de Massa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. [↑](#footnote-ref-6)
7. HORKHEIMER et. BENJAMIN, op. cit, p. 163-4. [↑](#footnote-ref-7)
8. Ibid. p. 165. [↑](#footnote-ref-8)
9. Ibid. p. 172-4. [↑](#footnote-ref-9)
10. HESSE, Herman. *Demian: História da Juventude de Emil Sinclair*. Tradução: Ivo Barroso. 22ª d. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. [↑](#footnote-ref-10)
11. SIMMEL, Georg. *Grandes Cidades e a vida do Espírito*. Tradução: Leopoldo Waizbot. Disponível em: < https://drive.google.com/open?id=10mbw9DAryoTbnODMW7CCd7ikphhuk--Q>. Acesso em: 02/12/2018. [↑](#footnote-ref-11)
12. SIMMEL, Georg. *Grandes cidades e a vida do Espírito*. p. 581. [↑](#footnote-ref-12)
13. MELVILLE, Herman*. Bartleby, o escriturário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. [↑](#footnote-ref-13)
14. MELVILLE, op. cit, p. 96. [↑](#footnote-ref-14)